

Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 49 jul-dez 2023 ISSN 1413-6651

IMAGEM estátua de Espinosa em Haia, inaugurada em 1880, autoria do francês Frédéric Hexamer (1847-1924). A estátua está localizada ao lado da casa em que o filósofo residiu durante os últimos sete anos da sua vida, onde completou o texto da *Ética* e recebeu a visita de Leibniz.

CURADORIA DE IDEIAS: RESENHA PARA A NOVA EDIÇÃO
DO *TRATADO DA EMENDA DO INTELECTO*, DE ESPINOSA

Luís César Guimarães Oliva¹

Professor, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

lcoliva@uol.com.br

1 Pesquisador principal do projeto temático FAPESP 2018/19880-4.

Em suas poucas (ainda que densas) páginas, o *Tratado da emenda do intelecto* (no original latino, *Tractatus de intellectus emendatione*, donde a sigla TIE) é um dos textos mais discutidos de toda a obra de Espinosa. No Brasil, em particular, foi objeto de várias traduções (de Lívio Teixeira, Carlos Lopes de Mattos, Cristiano Rezende, entre outras), para não mencionar os ensaios seminais de Marilena Chaui, de Marcos Gleizer e dos próprios tradutores Lívio Teixeira e Cristiano Rezende. Cumpre destacar também o papel fundante e formador que o estudo desse texto teve na constituição do Grupo de Estudos Espinosanos da Universidade de São Paulo. Mas por que um pequeno opúsculo inacabado foi tão discutido (e republicado), sendo que a obra magna de Espinosa, a *Ética*, dada como concluída pelo próprio autor, parece dar conta, com folga, de todas as questões lá tratadas? Responder a esta pergunta é um dos objetivos da primorosa edição recém-lançada (ESPINOSA, *Tratado da emenda do intelecto*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, 443 páginas). Para além da rigorosa tradução de Samuel Thimounier, que leva em consideração todo o percurso de traduções do TIE para o português e outras línguas, e de seu vasto aparato de notas históricas e conceituais, o texto ganha nova vida devido à hábil “curadoria” (tomando a bela metáfora museológica de Cristiano Rezende na introdução) que reúne à tela principal outras “pinturas” que contribuem para explicá-la e são por ela explicadas. A correspondência de Espinosa com Tschirnhaus, bem como os trechos da *Medicina mentis* deste último (tratado que tantas familiaridades tem com a obra de Espinosa) e outras cartas correlatas, iluminam as discussões sobre o método, a teoria da definição, a natureza das ideias e demais temas que constituem o famoso opúsculo. Coroando esta brilhante curadoria, a introdução e o posfácio de Rezende (preciosos estudos que já nascem como parada obrigatória para os atuais e futuros leitores de Espinosa) nos trazem ainda o “guia da exposição”, mostrando o rico universo do reformismo lógico seiscentista em que o tratado se insere, além de esclarecimentos fundamentais sobre a fortuna crítica do texto. Diante deste admirável conjunto, não é difícil ao leitor entender por que a *Ética*, na sua grandeza e acabamento, não faz do TIE um texto superado, mas incontornavelmente complementar à obra magna.

Porém, não é só isso que faz do *Tratado da emenda do intelecto* um texto tão arrebatador. Excetuando-se as cartas aos amigos, é somente nesse tratado que vemos Espinosa revelar-se pessoalmente, de modo quase biográfico, apresentando de coração aberto as circunstâncias que o levaram a começar a filosofar:

Depois que a experiência me ensinou serem vãs e fúteis todas as coisas que frequentemente ocorrem na vida comum, e como via que todas as coisas pelas quais e as quais eu temia não tinham em si nada de bom nem de mau senão enquanto o ânimo era movido por elas, finalmente resolvi inquirir se se daria algo que fosse um bem verdadeiro e comunicável de si, e só pelo qual, rejeitados todos os demais, o ânimo fosse afetado; mais ainda, se se daria algo pelo qual, descoberto e adquirido, eu fruisse, pela eternidade, de uma alegria contínua e suprema (ESPINOSA, 2023, §1, p. 75).

A dramaticidade deste relato inicial contrasta com a aridez de algumas demonstrações que o texto trará mais à frente, porém o leitor atento logo perceberá que a aridez e a dramaticidade são também complementares e necessárias para nos colocar em um caminho que nos permitirá fruir, nas palavras do texto, “de uma alegria contínua e suprema” (*Ibidem*), e desde já de um “grande consolo” (*Ibid.*, §11, p. 79). Não se trata, portanto, de uma recompensa futura a um sacrifício presente. Ao contrário, é em meio à aridez que encontramos a alegria que, por sua vez, modera o drama e nos dá a potência para encontrar novas alegrias, cada vez mais constantes e duradouras. Em suma, a força (e ao mesmo tempo a humanidade) do *Tratado* está no caráter tanto ético quanto epistêmico que sua *emenda* nos propõe.

Por todas essas razões, só podemos saudar a chegada dessa nova e meticulosa tradução do clássico opúsculo, enriquecida de um aparato crítico sem paralelo em língua portuguesa.